

IMPLEMENTAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA: O QUE AS EXPERIÊNCIAS NOS REVELAM?

Maycon Henrique da Silva¹

Kettlyn Carla de Souza²

Neusa Maria Soares Zukoski³

1. Introdução

O presente resumo tem como objetivo trazer a síntese dos debates realizados durante os encontros de um dos Grupos de Estudos da Pedagogia Histórico Crítica (GEPHC) do ano de 2023. A temática selecionada para essa etapa foi: Os desafios da implementação e institucionalização da Pedagogia Histórico Crítica (PHC). Neste texto procurou-se responder o seguinte questionamento: Quais os desafios que as experiências analisadas durante os encontros nos revelaram nos processos de implementação e institucionalização da PHC? Este grupo, em específico, reuniu educadoras e educadores das cidades de Marechal Cândido Rondon, Cascavel e Umuarama, em formato remoto, quinzenalmente, a fim de debater os textos elegidos para o aprofundamento teórico acerca do tema.

2. Metodologia

Para esse estudo, a metodologia utilizada foi o levantamento e a análise de fontes bibliográficas clássicas, como Saviani (2011), Orso (2021) e Orso; Selzler (2021).

3. Resultados e Discussões

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste/Cascavel, Brasil. E-mail: maycon.mhs@gmail.com.

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste/Cascavel, Brasil. E-mail: kettlyndesouza@gmail.com.

³ Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste/Cascavel, Brasil. E-mail: neusamzukoski@gmail.com.

No ano de 2023 a organização GEPHC delimitou um total de oito encontros a serem realizados baseados em textos que discutiam as experiências de implementação e institucionalização da PHC em diferentes locais. O primeiro texto abordou os aspectos históricos e políticos do Paraná como estado pioneiro na institucionalização da PHC em seu currículo oficial e em seguida estudamos a experiência dos municípios de Itaipulândia – PR, Cascavel – PR e Limeira – SP. As leituras proporcionaram um panorama geral da história repleta de contradições, movimento, pressão popular e luta em diferentes contextos para que uma teoria marxista de educação deixasse de ser apenas estudada nos bancos das universidades e passasse a ser incorporada pelos trabalhadores e trabalhadoras da educação (Orso, 2021, p.290).

Não pretendemos aqui discorrer minuciosamente sobre a particularidade das experiências citadas anteriormente, todavia em cada uma delas é possível perceber elementos comuns que se consolidaram, em maior ou menor grau, como desafios para que a PHC fosse de fato implementada e continuasse posteriormente a ser a teoria pedagógica oficial em cada um desses lugares. Elencou-se assim, três desafios gerais a serem superados: a) o desconhecimento da maioria dos docentes; b) a dificuldade de transição da catarse à prática social; c) o reflexo da luta de classes nas políticas e no sistema educacional. Adotar uma teoria pedagógica revolucionária, tanto em âmbito pessoal como em âmbito político e curricular, requer uma série de condições materiais favoráveis e isso só se dá em meio a contradições, enfrentamentos, resistência e luta da classe trabalhadora (Orso, 2021, p.304).

A questão do desconhecimento dos profissionais da educação como um dos desafios para a implementação da PHC nos coloca, imediatamente, diante da seguinte questão: quais conhecimentos devem ser apropriados pelos docentes para que sua práxis pedagógica esteja em consonância com a proposta da PHC? Para que se responda essa indagação é necessário considerar que não se trata de uma teoria pedagógica meramente preocupada em propor uma ou outra metodologia de ensino, o que difere essa proposta das demais é o seu estreito compromisso com a transformação social, com a superação da sociedade capitalista em direção ao socialismo. Diante disso, Orso (2021) elenca três elementos que devem ser apropriados pelos educadores que procuram trabalhar nessa perspectiva: dominar a teoria, sobretudo as suas bases no Materialismo Histórico Dialético, dominar os conteúdos de ensino com os quais nos propomos a trabalhar com os alunos e dominar o *modus operandi* da sociedade capitalista, seu funcionamento e suas contradições. Somente assim será possível construir um projeto de educação

emancipatória e adensar cada vez mais o compromisso do educador com a revolução (Orso, 2021, p. 306).

O segundo desafio aponta para o momento em que a PHC, após compreendida, deve ser incorporada pelo educador na sua vida material, no seu cotidiano e nas relações sociais. Orso (2021) afirma que, por se tratar de uma pedagogia marxista, a PHC não deve servir apenas como enfeite cerebral ou como letra morta em nossas produções acadêmicas, a prática social é o ponto de partida e o ponto de chegada do processo de apropriação do conhecimento, ou seja, há que se fazer o salto da catarse à prática social, caso contrário a teoria passa a ser mais um idealismo que não encontra correspondência na realidade objetiva (Orso, 2021, p.296).

O terceiro ponto supramencionado revela um desafio mais amplo e complexo com o qual nos defrontamos diariamente, que são os reflexos da luta de classes nas políticas educacionais brasileiras. Saviani aponta o problema da descontinuidade das políticas como um dos entraves para que uma visão de educação emancipadora se consolide em âmbito nacional (Saviani, 2011, p.92), todavia, Orso nos chama atenção ao fato de que a questão, talvez, não seja a relação direta de continuidade ou descontinuidade, se assim fosse, deveríamos defender a continuidade das políticas adotadas pelos governos Temer e Bolsonaro nos últimos anos? Certamente a nossa resposta é não. Trata-se, portanto, do que está por detrás do que é aparente, da correlação de forças e dos interesses antagônicos que permeiam as decisões políticas em cada momento histórico do país, estamos falando da já conhecida luta de classes. Assim como nas demais esferas da vida social, a educação é constituída em meio a esse turbilhão de disputas, e são elas que determinam o presente e o futuro de uma geração (Orso, 2021, p. 296).

As experiências de implementação e institucionalização da PHC estudadas durante o GEPHC 2023 revelam a efervescência dessa luta em cada um dos momentos decisivos. Em grande medida constatou-se que os processos de institucionalização se deram a partir de dois fatores: ou de pressão popular ou de decisões da gestão pública que adotou a PHC como sua teoria pedagógica no município. Na cidade de Cascavel, por exemplo, foi por meio da organização dos professores e de pressão popular sobre o poder público que, em 2008, o primeiro currículo do município foi formulado na perspectiva da PHC, já na experiência de Limeira, no período em que o professor José Claudinei Lombardi esteve à frente da secretaria de educação, a PHC foi

institucionalizada, aliás, essa era uma das propostas oficiais do professor para o município (Selzler e Orso, 2021, p. 259).

As discussões mais recentes sobre políticas curriculares e as tendências pedagógicas hegemônicas trazem à pauta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Vários pesquisadores têm se empenhado em examinar o documento e a conjuntura histórica que o envolve, e comprovam que ele é síntese uma série de iniciativas da burguesia para manipular a educação destinada à classe trabalhadora, a pedagogia das competências, eixo estruturante do Base, é justamente o oposto do que a PHC propõe enquanto teoria revolucionária. Diante de um cenário adverso como esse, ainda é possível pensar na implementação e na institucionalização da PHC? Ora, conforme o exposto anteriormente, a sociedade em que vivemos é marcada por disputa, contradições e luta, e são justamente essas contradições que possibilitam que nos organizemos de modo estratégico para alcançar espaços ainda não alcançados e difundir uma perspectiva pedagógica que responda às necessidades reais da educação brasileira e seja um instrumento a favor da transformação radical dessa sociedade (Orso, 2021, p. 292).

4. Conclusões

Em meio a tantas perguntas e inquietações sobre os desafios que a realidade coloca diante de nós, encontrar educadoras e educadores ainda dispostos a debater a educação pública no Brasil e a aprofundar-se na construção de conhecimentos sobre a PHC foi uma satisfação muito grande. Nos últimos anos vivemos uma onda de ataques desmedidos contra a educação em todas as esferas possíveis, uma delas no que tange à formação de professores. As graduações aligeiradas, a mercantilização dos cursos de graduação e pós graduação, o crescimento massivo de cursos de licenciatura na modalidade EAD, são alguns dos elementos que estão sucateando o processo formativo e inviabilizando o debate científico mais elaborado na formação docente.

No que diz respeito às teorias educacionais e pedagógicas, o canto de sereia das chamadas “metodologias inovadoras” tornam-se sedutores e desejáveis àqueles que, de alguma maneira, procuram fazer algo diferente na intenção de ser um professor transformador, porém essa “inovação”, quando é possível que ocorra, se encerra nos muros da escola, sem perspectiva de transformação social, aliás ela contribui para

manutenção da ordem capitalista formando alunos competentes para uma tarefa e não conscientes para a transformação.

Os grupos de estudos se consolidaram com um dos instrumentos importantes de contradição e oposição a toda essa parafernália pedagógica que minou as escolas brasileiras, e nesse movimento de avanço gradativo é possível difundir a PHC como um instrumento de construção coletiva de uma educação de fato emancipadora e revolucionária. A coletividade é o motor da transformação.

Palavras-Chave: Pedagogia Histórico Crítica. Implementação. Desafios.

5. Referências

ORSO, P.J. A implementação da pedagogia histórico-crítica: formas, exigências e desafios. **Pedagogia histórico-crítica e prática pedagógica transformadora.** Uberlândia: Navegando Publicações, p. 287-313, 2021.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica:** primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2011.

SELZLER, V.G; ORSO, P.J. Os processos de institucionalização da Pedagogia Histórico-Crítica. **Pedagogia histórico-crítica e prática pedagógica transformadora.** Uberlândia: Navegando Publicações, p. 253-271, 2021.